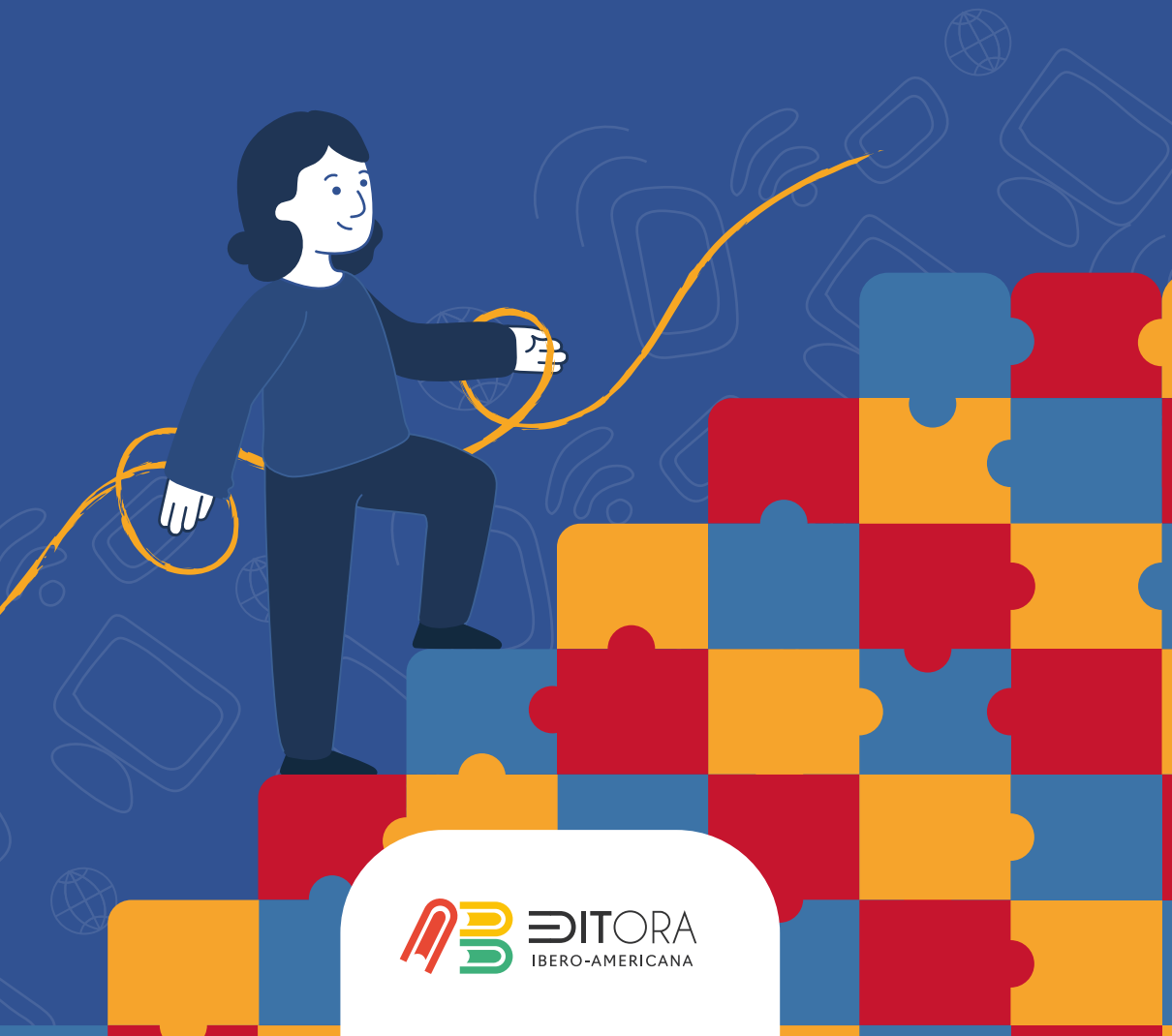
REFLEXÕES
SOBRE EDUCAÇÃO,
TECNOLOGIAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Simone Lucena Marilene Santos Joseilda Sampaio
Organizadoras



EDITORA IBERO-AMERICANA

EDITORA IBERO-AMERICANA

REFLEXÕES

SOBRE EDUCAÇÃO,

TECNOLOGIAS E FORMAÇÃO DOCENTE

Simone Lucena Marilene Santos Joseilda Sampaio

Organizadoras

CAPES

UFS UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

PPGED PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO UFS

Bauru
2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reflexões sobre educação, tecnologias e formação docente [livro eletrônico] / organizadoras Simone Lucena , Marilene Santos , Joseilda Sampaio. -- Bauru, SP : Editora Ibero-americana de Educação, 2024.
ePub

Vários autores.
Bibliografia.
ISBN 978-65-86839-27-2

1. Educação 2. Tecnologia 3. Prática de ensino 4. Professores - Formação I. Lucena, Simone. II. Santos, Marilene. III. Sampaio, Joseilda.

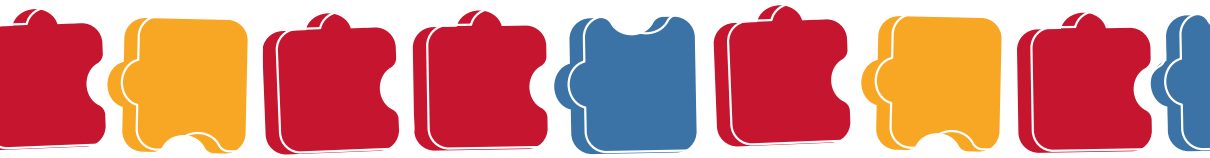
24-230785 CDD-370.71

Índices para catálogo sistemático:

1. Professores : Formação : Educação 370.71

Eliete Marques da Silva - Bibliotecária - CRB-8/9380

DOI: 10.47519/EIAE.978-65-86839-27-2

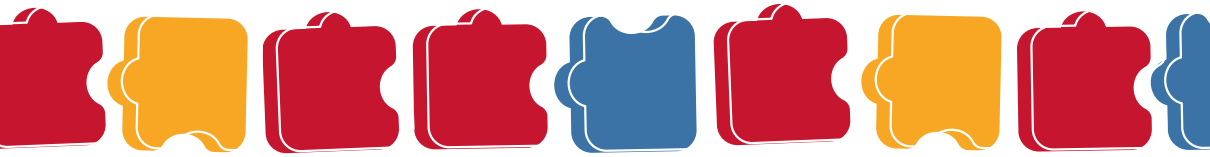


Simone Lucena

Marilene Santos

Joseilda Sampaio

Organizadoras



EDITORA IBERO-AMERICANA

Equipe Técnica
Editoração e organização

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor

Alexander Vinicius Leite da Silva
Editora Ibero-Americana de Educação
Editor Adjunto Júnior

Déborah Crivellari
Editora Ibero-Americana de Educação
Editora e Revisora

Andressa Ciniciato
Editora Ibero-Americana de Educação
Assistente Editorial

Jonathan Teixeira
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer e Diagramador

André Luís Cordeiro Lopes
Editora Ibero-Americana de Educação
Designer, Ilustrador e Diagramador

Membros do Conselho Editorial

Editor

Dr. José Anderson Santos Cruz
FCLAr/Unesp

Editor Adjunto Jr.

Alexander Vinícius Leite da Silva
Unisagrado

Editores Associados

Arielly Kizzy Cunha
FAAC/Unesp

Carla Gorni
Centro Universitário UBM

Ivan Fortunato
Instituto Federal de São Paulo/Ufscar

Editora de Texto e Revisão

Déborah Crivellari
Unisagrado

Assistente Editorial

Andressa Ciniciato
Unisagrado

Editor Operacional

Flávio Moreira
UFSCar

Comitê Científico

Dra. Adriana Campani
UVA

Dr. Alfrâncio Ferreira Dias
UFS

Dra. Ana Paula Santana
UFSC

Me. Anaisa Alves de Moura
INTA - UNINTA

Dr. Ari Raimann
UFG

Dr. Breynner R. Oliveira
UFOP

Me. Caique Fernando da Silva Fistarol
FURB

Dra. Claudia Regina Mosca Giroto
Unesp

Dra. Cyntia Bailer
FURB

Dr. Eládio Sebastián Heredero
UFMS

Dra. Elisabete Cerutti
URI

Dr. Emerson Augusto de Medeiros
UFERSA

Dr. Fabiano Santos
UFMS

Dra. Fátima Elisabeth Denari
UFSCar

Dra. Helen Silveira Jardim de Oliveira
UFRJ

Dra. Iracema Campos Cusati
UPE

Dra. Kellcia Rezende Souza
UFGD

Dra. Leonor Paniago Rocha
UFJ

Dra. Liliane Parreira Tannus Gontijo
UFU

Dra. Maíra Darido da Cunha
FABE

Prof. Dr. Marcelo Siqueira Maia Vinagre Mocarzel
UCP

Dra. Maria Luiza Cardinale Baptista
UCS

Dra. Maria Teresa Miceli Kerbauy
FCLAr (Unesp) – UFSCar

Dra. Marta Furlan de Oliveira
UEL

EDITORA
IBERO-AMERICANA

Comitê Científico

Dra. Marta Silene Ferreira de Barros
UEL

Dra. Mirlene Ferreira Macedo Damázio
UFGD

Dr. Osmar Hélio Araújo
UFPB

Dra. Rosebelly Nunes Marques
Esalq (USP)

Dra. Sandra Pottmeier
UFSC

Dr. Sebastião de Souza Lemes
FCLAr (Unesp)

Dra. Shirlei de Souza Corrêa
Uniavan

Dr. Washington Cesar Shoite Nozu
UFGD

Comitê Internacional

Dr. Sidclay Bezerra de Souza
Universidad Católica del Maule

Dr. João Carlos Relvão Caetano
Universidade Aberta

Dr. Marc Marie Luc Philippe Jacquinet
Universidade Aberta



Agradecemos aos autores pela confiança
em nosso trabalho editorial.

Boa leitura!

Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

Editor

Alexander Vinicius Leite da Silva

Editor Adjunto

ORGANIZADORAS

Simone Lucena - Pós-doutora em Educação (Proped/UERJ). Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Mestre em Educação pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia. Professora do Departamento de Educação (DED) e do Professora permanente do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGED) da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Digitais (Ecult/UFS/CNPq).

Marilene Santos - Professora da Universidade Federal de Sergipe no Departamento de Educação - DED; no Programa Pós-Graduação em Educação- PPGEDP e no Programa de Pós-Graduação do Mestrado Profissional em Rede Nacional para Ensino das Ciências Ambientais PROFCIAMB. Líder do grupo de pesquisa Educação e Movimentos Sociais - GPEMS. Coordenadora do Programa Escola da Terra.

Joseilda Sampaio (conhecida como Sule Sampaio) - Pedagoga e Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia. Professora Adjunta do Departamento de Educação da Universidade Federal de Sergipe, Campus Prof. Alberto Carvalho. Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Educação e Culturas Digitais (Ecult/UFS/CNPq), desenvolve seus estudos nos campos da criança, infância, brincar e as tecnologias digitais.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos aos professores da educação básica, aos alunos e alunas do curso de Pedagogia do Campus Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe que participaram do III Congresso Internacional de Educação (CONEduc-UFS) e o IX Encontro Nacional de Educação do Campo, cujo tema principal foi a "Educação, Formação Docente e Interculturalidade". Ainda, agradecemos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para os projetos de pesquisa e extensão universitária.

Nossos agradecimentos se estendem à CAPES, que tornou este evento possível por meio do Edital PAEP, e ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED/UFS) pelo apoio a esta publicação.

Simone Lucena

Marilene Santos

Joseilda Sampaio

APRESENTAÇÃO

A obra que ora apresentamos, intitulada "Reflexões sobre Educação, Tecnologias e Formação Docente" é uma coletânea que propõe um mergulho nas complexidades, dilemas e desafios que permeiam a educação contemporânea. Este livro representa uma oportunidade àqueles que entendem ser possível repensar a formação docente, considerando os diferentes contextos e desafios que estão presentes na profissão. Compreender esses desafios remete pensar que em tempos de rápidas transformações tecnológicas e sociais, é preciso um olhar mais ampliado para questões fundamentais sobre as mudanças que estão moldando outras formas de educar, aprender e conviver no século XXI.

Os textos da obra foram produzidos por professores e pesquisadores que participaram de mesas e conferências realizadas durante o III Congresso Internacional de Educação (CONEduc), IX Encontro Nacional de Educação do Campo e II Seminário Redes de Pesquisa em Educação e Culturas Digitais na Era da Mobilidade. Esses eventos foram promovidos pelo Departamento de Educação (DEDI) e pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGED)

da Universidade Federal de Sergipe, com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), através do Edital Programa de Apoio a Eventos no País (PAEP) de 2021 – 2ª edição.

Esse encontro reuniu professores em formação para discutir suas pesquisas em áreas que se interconectam como educação, comunicação, tecnologia e formação docente. Essas discussões abordam desafios enfrentados pelos professores e ajudam a repensar a formação em tempos digitais, especialmente na educação infantil e na educação do campo. Dito de outra forma, as discussões ensejam um movimento que pode significar uma reflexão mais abrangente sobre a formação docente.

Em um esforço de convergência dos temas que fortalecem o foco e o alcance interdisciplinar da formação docente, esta obra reúne textos em perspectivas diversas, e na esteira das transformações e movimentos sociais, dão centralidade às mudanças para o campo da educação. Os esforços convergiram no sentido de abordar os diferentes referenciais teórico-metodológicos, as proposições e os resultados de pesquisas, acreditando que a combinação de diferentes abordagens pode levar a uma soma qualificada de entendimentos, possibilidades

compreensivas e avanços para a formação docente. Nesta direção, optamos por agrupar os encontros textuais em duas partes.

A primeira parte, que chamamos de **Educação, Comunicação e Tecnologias**, busca articular os temas que discutem sobre a inovação pedagógica e o desenvolvimento de competências em contextos de educação a distância, a pedagogia do enfrentamento de Paulo Freire às notícias falsas, a importância do pensamento computacional na formação de professores, as novas configurações do brincar na era digital, entre outros temas.

Na segunda parte intitulada **Educação e Formação Docente**, os autores abordam os desafios específicos da formação de professores. São discutidos temas como o educar e cuidar na educação infantil, a inclusão na formação docente por meio do PIBITI e os desafios enfrentados para a formação de leitores críticos diante da política do currículo de Sergipe. Além disso, são abordados temas como os desafios e contribuições para a formação do docente que atua na educação do campo, incluindo o fechamento de escolas e as práticas de resistência que surgem nesse contexto. Seja analisando a educação do campo, a educação infantil, as práticas leitoras ou as pesquisas

de iniciação em desenvolvimento tecnológico e inovação, a ênfase está na possibilidade de refletirmos sobre a ação docente, a formação do professor e as diferentes maneiras de constituirmos como sujeitos aprendentes e ensinantes na educação.

Ao reunir esses diferentes olhares e experiências, convidamos, então, o leitor a percorrer os diferentes textos, narrativas e posições, a fim de refletirem criticamente sobre o papel da educação em um mundo em constante mudança. E dessa forma, compreender como as novas dinâmicas sociais, culturais e tecnológicas influenciam as práticas educativas e a formação docente, mantendo sempre um compromisso com a inclusão, a justiça social e o respeito à diversidade cultural.

Simone Lucena
Marilene Santos
Joseilda Sampaio

SUMÁRIO

23 PARTE I – Educação, Comunicação e Tecnologias

24 Innovation pédagogique et développement des compétences: Un master à distance en contexte interculturel
Stéphanie GASSE
Thierry ARDOUIN

76 A pedagogia do enfrentamento: De Paulo Freire às notícias falsas
Fernanda Amorim ACCORSI

101 Pensamento computacional: Notas para a formação de professores
Fernanda MONZATO
Edméa SANTOS

138 O brincar na cultura digital: Elementos estruturantes das culturas infantis contemporâneas
Joseilda Sampaio de SOUZA
Maria Helena Silveira BONILLA

174 App-diário na pesquisa-formação: Uma revisão sistemática da literatura
Rosinângela Cavalcanti da Silva BENEDITO
Simone LUCENA

211 **PARTE II – Educação e Formação Docente**

212 O educar e cuidar na educação infantil
Jamisson Alves SANTOS
Joelma Carvalho VILAR

238 O papel do PIBITI na formação docente: reflexões à baila da educação inclusiva
Isabela Rosália Lima de ARAÚJO
Mônica Andrade MODESTO

265 Desafios para formação de leitores críticos: currículos em Sergipe, novos contextos de aprendizagem e práticas político-cidadãs
Paulo Sérgio da Silva SANTOS
Taysa Mércia dos Santos Souza DAMACENO
Caroline Lima dos SANTOS

298 Educação do Campo e formação docente: Desafios e contribuições Procampo e do Pronacampo
Jailda Evangelista do Nascimento CARVALHO

327 Fechamento de escolas no campo: Formação docente como estratégia de resistência
Tereza Simone Santos de CARVALHO
Josefa de Lisboa SANTOS

360 Educação do Campo: Salas multisseriadas nos anos iniciais do Ensino Fundamental e os ciclos de formação
Maria Rejane NOGUEIRA
Marilene SANTOS

394 PROJOVEM Campo – Saberes da terra: Breve histórico das experiências em Sergipe
Flávia Cristina SANTOS
Alizete dos SANTOS
Maria José da Silva SOUZA

PREFÁCIO

Ao receber o manuscrito do livro “Reflexões sobre Educação, Tecnologias e Formação Docente”, organizado por Simone Lucena, Marilene Santos e Joseilda Sampaio, com a incumbência de escrever um prefácio, vi-me diante de uma obra riquíssima de conteúdo.

A preocupação em torno da formação docente, presente nos capítulos, situa-me em face daquilo que venho me ocupando há quase três décadas, tanto em meu próprio processo de formação como professor – da educação básica, inicialmente, e da educação superior, posteriormente –, como também de minha trajetória como formador de professor. Isso me coloca, de todo modo, como formador de mim mesmo, posto que não é possível pensar os processos professorais de quem atua em cursos de licenciatura e em programas de pós-graduação em Educação apartados de uma autoformação contínua.

A obra também me posiciona no lugar de quem, como professor e como pesquisador da Educação, não pode ficar à parte. Refiro-me à efervescência da tecnologia que provoca a todos e todas a estamos, queiramos ou não, envoltos da necessidade

de nos qualificarmos, todos os dias, para o aprofundamento no arcabouço já consolidado nas pesquisas sobre os diferentes objetos que tomam aspectos diversos das tecnologias como objeto de estudo. Do mesmo modo, há que se (pre)ocupar em conhecer as novidades tanto das pesquisas, como das práticas envolvimento distintas formas e modos de inserção nas culturas digitais próprias das inovações tecnológicas. E ao pensar tais práticas que, de um modo ou de outro, tocam mais ou menos as tecnologias, refiro-me às nossas práticas e às de nossos alunos e sujeitos participantes de pesquisas.

De fato, formar-se professor (como profissionalização inicial e como desenvolvimento na carreira docente) requer de nós mesmos, das instituições de pesquisa e educação superior e, sobretudo, das políticas públicas e, por consequente, do Estado, a constituições e processos contínuos formacionais. Tudo isso dentro de um respaldo da sociedade, sem o que o ato de fazer pesquisa e os processos formativos (formação docente e formação humana, em geral) tornam-se difíceis.

Ao voltar o olhar para o livro "Reflexões sobre Educação, Tecnologias e Formação Docente", registro que este está composto por treze capítulos, os

quais estão distribuídos em três partes. A primeira delas voltada para os capítulos que tratam da relação entre Educação, Comunicação e Tecnologias; a segunda parte se ocupa do debate acerca da Educação e Formação docente; e a terceira parte se debruça sobre temáticas relacionadas à Educação do Campo.

A organização da obra em três partes se justifica pela necessidade de orientar o leitor aos três focos centrais do livro, de modo a possibilitar que os interessados em conhecer o conteúdo das pesquisas dispostas ao longo do livro sigam diretamente para as suas temáticas prioritárias no momento da leitura ou estudo dos capítulos.

Assim, na primeira parte – Educação, Comunicação e Tecnologias – os textos versam sobre inovação pedagógica e desenvolvimento de competências; pedagogia do enfrentamento; pensamento computacional e sua relação com a formação de professores; elementos estruturantes das culturas infantis contemporâneas no que diz respeito ao brinca no contexto da cultura digital; a utilização de aplicativos como diário na pesquisa-formação.

Na segunda parte – Educação e Formação docente – os capítulos apresentam pesquisas que focalizam temáticas como a relação entre o educar e o

cuidar na educação infantil; o papel de programas como o PIBITI na formação docente na perspectiva da educação inclusiva; novos contextos de aprendizagem e de práticas político-cidadãs e os desafios para a formação de leitores críticos.

Na terceira e última parte do livro – Educação do Campo – o livro traz para a centralidade algumas questões contemporâneas da formação docente, de modo a apresentar programas, projetos e processos formativos em contextos campesinos. Desse modo, os capítulos versam sobre desafios e contribuições de programas como o PROCAMPO e o PRONACAMPO e a formação docente para atuação nesses espaços; a formação docente para o enfrentamento e a resistência em face dos processos de fechamento de escolas camponesas; as salas multisseriadas existentes na educação do campo, especificamente nos anos iniciais do ensino fundamental e os ciclos de formação; breve histórico focando experiências sergipanas no Programa PROJOVEM CAMPO e os saberes da terra como filosofia e como prática de vida campesina.

O livro, assim, constitui um convite à reflexão sobre aspectos da vida no campo, notadamente voltados para as questões a educação, mas sem

perder de vista a vida e a cultura campesina. Em outras palavras, a obra convida os leitores a pensar sobre as provocações iniciais que motivaram ou conduziram os pesquisadores e pesquisadoras, autores e autores das pesquisas apresentadas em cada capítulo, a se debruçarem sobre temáticas que são, a um só tempo, objetos de estudos, mas também se constituem razões políticas e de militância, que movimentam investigadores a se ocuparem das temáticas elencadas.

Claudio Pinto Nunes
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB)

A pedagogia do enfrentamento:
De Paulo Freire às notícias falsas

Fernanda Amorim ACCORSI[I]

A título de contextualização, consideramos que estamos com o mundo e não apenas vivendo no mundo. Estar com o mundo implica em escrevê-lo, descrevê-lo, inventá-lo e criar possibilidades de existência. Neste texto, articulamos as premissas de Paulo Freire, trabalhadas nos livros *Educação como prática de liberdade* (1969), *Pedagogia do oprimido* (1970) e *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* (2011) com as impressões e resultados do curso de extensão intitulado *Práticas pedagógicas on-line em tempos de cibercultura*, especialmente o Módulo B chamado de *Em quem acreditar? Pedagogias de enfrentamento às notícias falsas*, ofertado pelo Departamento de Educação (DEDI), do Campus Professor Alberto Carvalho, da Universidade Federal de Sergipe (UFS) em maio

1 Doutora e mestra em Educação pela UEM, com graduação em Pedagogia e Jornalismo, e especialização em Comunicação e Educação. Professora adjunta na UFS, conselheira no Conepe e coordenadora do grupo PEPECA. Pesquisadora nos grupos ARTEI e GEPECEC, com foco em pedagogias, mídias, feminismos e naturezas sob a perspectiva dos Estudos Culturais.

e junho de 2020. O curso de extensão contou ainda com outros dois módulos de aprendizagem, o Módulo A - Docência na cibercultura e o Módulo C - Educação e redes sociais.

Nosso trabalho não se refere, exatamente, a um relato de experiência, mas às problematizações acerca da formação docente em novos contextos da educação, como o contexto pandêmico, que exigiu de educadores/as e educandos/as o exercício da prática pedagógica on-line. O objetivo é analisar os resultados obtidos junto aos alunos e às alunas sob a ótica de Paulo Freire. Neste sentido, entendemos que os professores e as professoras são alvos[2] constantes de Notícias Falsas, seja em relação ao desenvolvimento do trabalho docente, seja acerca da sua vida pessoal, afinal "[e]las visam influenciar as crenças das pessoas, manipulá-las politicamente ou causar confusões em prol de interesses escusos" (Santaella, 2018, p. 22).

2 Exemplificamos com o caso de uma professora, não a única, que foi vítima de notícias falsas advindas de apoiadores do governo federal vigente. A história da professora pode ser conferida neste link: https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/04/destruiram-minha-vida-por-causa-de-um-video-diz-professora-que-desabafou-a-bolsonaro.shtml

Se não houver atenção crítica e diária, os/as docentes podem se tornar replicadores/as de desinformação, comprometendo os significados de algo ou alguém, por isso, formá-los/as, neste curso, atendeu à "necessidade de uma permanente atitude crítica", onde houve a superação de condições de acomodação e a promoção de "[...] temas e tarefas de sua época" (Freire, 1969, p. 44). O curso analisado, nas próximas linhas, utilizou, como base teórica-metodológica, as prerrogativas educativas de Paulo Freire, porque considerou, desde sua gênese, que enfrentar as notícias falsas corresponde a lê-las, analisá-las, pensá-las e tomar posição diante delas.

Assim como Arroyo (2014), reconhecemos a existência de um padrão de poder cultural e cognitivo que deseja descreditar a profissão docente, relegá-la a meros/as fazedores/as de aulas, abarrotando a educação com currículos generalistas arraigados nas concepções colonizadoras do saber. Accorsi (2018) discutiu a profissão docente e admitiu que a ruptura do processo de desvalorização da professora e do professor passa, obrigatoriamente, por ela e por ele. Não há como *outrem* realizar a tarefa de ressignificar o papel e a importância docente para a construção de uma sociedade justa e

igualitária. Por isso, resgatamos, durante o curso, a potencialidade docente de agente da transformação, por meio do exercício da curiosidade, da leitura e da (re)criação da realidade vigente (Freire, 1969; 2011).

O curso oferecido pela UFS formou cinquenta e quatro alunos e alunas das licenciaturas da universidade e professores e professoras da rede pública do estado de Sergipe, trabalhando, durante a pandemia causada pelo Covid-19, com experimentações pedagógicas no formato remoto. No módulo B, foco deste estudo, a formação pedagógica se voltou para a produção de agentes críticos no combate às notícias falsas, entendida como "mensagens de forte apelo visual, cujas chamadas são tão inacreditáveis que se tornam irresistíveis" (Santaella, 2018, p. 22). As referidas mensagens são altamente danosas em tempos de redes sociais, pois percorrem, em um curto espaço de tempo, os dispositivos, mas também as ideias, as subjetividades e as concepções de mundo das pessoas que as acessam.

Nossa preocupação, no curso, foi que os/as cursistas enfrentassem a atuação de opressores/as, almejando a libertação de ideias e posicionamentos. Preocupamo-nos em disponibilizar materiais,

momentos pedagógicos e atividades em que eles/as pudessem realizar práticas pedagógicas com o mundo (Freire, 1970; 1969). Em outras palavras, desde a elaboração inicial do projeto do curso de extensão, cuidamos para que as atividades, participações e tomadas de consciência não fossem meramente prescritivas, com formatos prontos, com a concepção equivocada de que seria possível preencher o vazio ou substituir o conteúdo pré-existente nas vidas de nossas/os cursistas por outro saber considerado, de modo arrogante, mais válido ou melhor (Freire, 1970). Pelo contrário, levamos em consideração as notícias falsas acessadas por eles/as, a criticidade que elas/as já possuíam e fomos lapidando, assumindo junto deles/as a conscientização do assunto, do tema, da informação.

"A libertação, por isto, é um parto. E um parto doloroso", escreveu Freire (1970, p. 23). E sabíamos que não seria uma tarefa fácil, nem rápida, mas consideramos que o próprio sujeito tem condições cognitivas e intelectuais para pensar e agir no mundo. Por isso, propomos atividades que eles/as pudessem atuar, agir, propor, criar, enfrentando, assim, as notícias falsas. Metodologicamente, neste texto, faremos análises documentais dos resultados do módulo do

curso respaldadas nas reflexões de Paulo Freire, sem o intuito de esgotar o assunto, mas, sobretudo, de defender que a perspectiva do autor colabora para a construção de sujeitos ativos e críticos diante dos conteúdos acessados via redes sociais. Utilizamos, ainda, as discussões de Santaella (2018) para refletir sobre as notícias falsas, as concepções de Arroyo (2014) para problematizar as pedagogias e Accorsi (2018) para reafirmar a importância pedagógica e cidadã do posicionamento político e crítico do/a docente. Utilizaremos imagens para ilustrar nossas reflexões, extraídas no grupo privado do Facebook, onde parte do curso aconteceu. Manteremos as identidades dos/as participantes em sigilo, porque nossa proposta é refletir sobre o que foi feito e não sobre quem são eles/as.

As notícias que (não) provocam reflexão

Uma característica comum do movimento que fortalece a disseminação das notícias falsas é a reprodução sem reflexão, amparada pelo imediatismo das redes sociais. Compostas por imagens impactantes e/ou frases curtas com efeitos de espetacularização, as notícias falsas almejam atingir o maior número possível de replicadores/as, utili-

zando a velocidade das redes sociais para fortalecer pontos de vista sobre a sociedade, sobre as pessoas, sobre as práticas sociais (Santaella, 2018). No entanto, não é possível generalizar as concepções de notícias falsas (NFs), em razão de utilizarem diferentes manobras discursivas, linguísticas e culturais para atrair adeptos/as, promover e ampliar a rápida divulgação. Elas podem se apresentar em forma de sátira, enganações sobre algo ou alguém, distorção do contexto de um fato verídico e conteúdo produzido com fins de desinformação, mas acabam fixando valores, costumes e provocando comoção (Santaella, 2018).

As informações que circulam não são neutras, verdadeiras ou falsas, elas geram sentimentos e sensações nos/as receptores/as, podem causar espanto, indignação, esperança, depende do tom utilizado, do modo como o fato é colorido, intensificado, contado. Santaella (2018, p. 25) cita a pesquisa sobre o assunto e revela que "[...] a novidade é um grande chamariz para a propagação das notícias e que as notícias falsas parecem sempre mais novas aos usuários do que as verdadeiras. Por isso mesmo, nas NFs, a emoção vencedora foi a da surpresa, seguida pelo desgosto e pelo medo".

Por isso, vemos uma contradição na propagação das notícias falsas, que, de um lado, organiza a disseminação tratando os sujeitos como coisas, meras marionetes do jogo dissimulatório do poder, de outro, vemos que eles/as colaboram com as notícias falsas porque têm, consigo, o pulsar de sensações e sentimentos humanizantes. Em suma, são simultaneamente coisas e seres, imbricação conveniente para as classes opressoras, que desejam controlar, sem demonstrar o controle. O processo de dispersão das referidas notícias sugere que o sujeito é atuante quando compartilha, é crítico quando socializa, porque indica que ele é parte do processo de denúncia daquela realidade retratada pela informação distorcida.

As elites, que financiam e organizam as notícias falsas, tratam o sujeito como objeto de posse, indicando que a falta de pensamento, de ação-reflexão são particularidades convenientes deste grupo, destas pessoas. Subestimam os sujeitos tentando negar, a eles, o direito de dizer, de comentar, de refletir. "Os opressores, falsamente generosos, têm a necessidade, para que sua 'generosidade' continue tendo oportunidade de realizar-se, da permanência da injustiça" (Freire, 1970, p. 20). Esquecem-

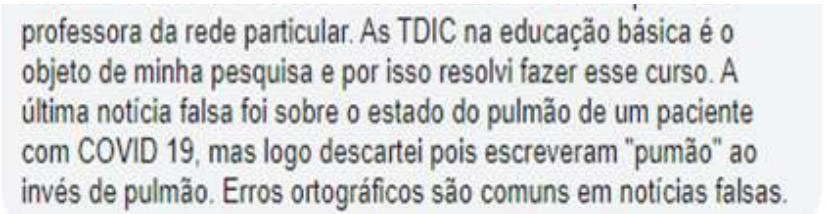
-se, no entanto, de que quanto mais aprimoram os recursos para confecção e disseminação de notícias falsas, mais os sujeitos podem se atentar à realidade, formando-se para o confronto, para o questionamento, para o domínio da sua realidade. Não é um ato, fatídico e pronto, é um processo, em que se mostram, no jogo violento do poder, como seres e não como coisas.

"A violência dos opressores não instaura, no oprimido, a condição de ser menos, mas faz com que, ora ou outra, eles se levantem contra 'quem os fez menos'" (Freire, 1970, p. 20). O ato de levantar-se não é físico, embora possa ser, em casos de protestos e manifestações, mas no curso analisado correspondeu a garantir o direito a visualizar-se enquanto sujeito ativo do processo de circulação das notícias falsas, em compartilhar a compreensão de que "'[l]avar as mãos' em face da opressão é reforçar o poder do opressor, é optar por ele" (Freire, 2011, p. 109, grifos do autor).

Sem o intuito de propor formas específicas para a formação docente, o curso de extensão partiu da apuração das impressões dos/as participantes sobre as últimas notícias falsas que haviam acessado. Por conta do contexto sanitário vivencia-

do, majoritariamente, eles/as citaram informações sobre a Covid-19, muitas delas ainda não tinham sido comprovadas cientificamente. Quando solicitamos que os/as cursistas apontassem a última notícia falsa recebida, conforme Figura 1, já nos posicionamos politicamente a partir do pressuposto de que eles/as são capazes de reconhecer as referidas informações, logo não subestimamos a capacidade de crítica de cada um/a deles/as. Ao apontar as notícias recebidas, notamos que eles/as se identificavam com os/as demais, foram percebendo que não eram os únicos alvos da desinformação e, assim, foram construindo a união necessária para a transformação daquela realidade, que não é universal, nem corresponde à totalidade das pessoas, mas que movimenta o circuito de vida daquelas pessoas, desafiadas a repensar, a rever e, especialmente, a criar outras óticas e formas de atuação com o mundo (Freire, 2011; 1969).

Figura 1 – Início da reflexão sobre notícias falsas


professora da rede particular. As TDIC na educação básica é o objeto de minha pesquisa e por isso resolvi fazer esse curso. A última notícia falsa foi sobre o estado do pulmão de um paciente com COVID 19, mas logo descartei pois escreveram "pumão" ao invés de pulmão. Erros ortográficos são comuns em notícias falsas.

Fonte: Facebook do curso (2020)

Entretanto, os posicionamentos críticos pela tomada de consciência e pela prática de reflexão possuem prazos de validade. Em outras palavras, junto dos/as cursistas, discutimos que as reflexões precisam ser constantemente alimentadas, porque não se referem às práticas acabadas, que podem ser dadas como definitivas. Conforme os aspectos sociais, políticos, culturais, econômicos e pessoais vão sendo alterados, são necessárias que outras reflexões venham à tona, que outras consciências sejam (trans)formadas (Freire, 2011). Depois da apresentação dos/as cursistas e do levantamento das últimas notícias falsas recebidas, momento que serviu para conhecê-los/as e iniciar as primeiras provocações, realizamos o encontro síncrono via plataforma digital, onde discutimos os principais conceitos e atividades que seriam realizadas.

No encontro virtual, engajamo-nos, ainda mais, em respeitar a autonomia dos/as alunos/as, promovendo a chance de elaborarem perguntas orientadoras sobre/com o curso, desenvolvendo a práxis significativa, que tenha relação direta com as vivências e aptidões que foram surgindo nas narrativas trocadas neste momento pedagógico. Com a prática de formulação de perguntas, com a reflexão sobre possíveis respostas e trocas entre os/as participantes, indicamos que as fórmulas prontas nem sempre são suficientes para trabalhar a aprendizagem. Pode ser desconcertante para o/a docente trabalhar com a tríade autonomia-pergunta-vivência, por conta da pluralidade das identidades discentes, por conta da falta de controle da prática pedagógica, porém "[c]omo professor crítico, sou um 'aventureiro' responsável, predisposto à mudança, à aceitação do diferente" (Freire, 2011, p. 49).

Assim, a primeira atividade do Módulo B oportunizou a escolha de notícia, que fosse de interesse do/a cursista, para a discussão sobre sua veracidade, cuja análise perpassava pelas fontes consultadas, pela autoria, data e redação da informação. Incentivamos à leitura das palavras, a compreensão das ideias propostas, mas, sobretudo, estimulamos

a leitura do mundo, em que o sujeito se conecte com a informação acessada, pensando sobre ela, sobre o significado apresentado, trazendo para si os jogos de poderes e saberes explicitados por meio da notícia.

Figura 2 – Atividade I



Fonte: Facebook do curso (2020)

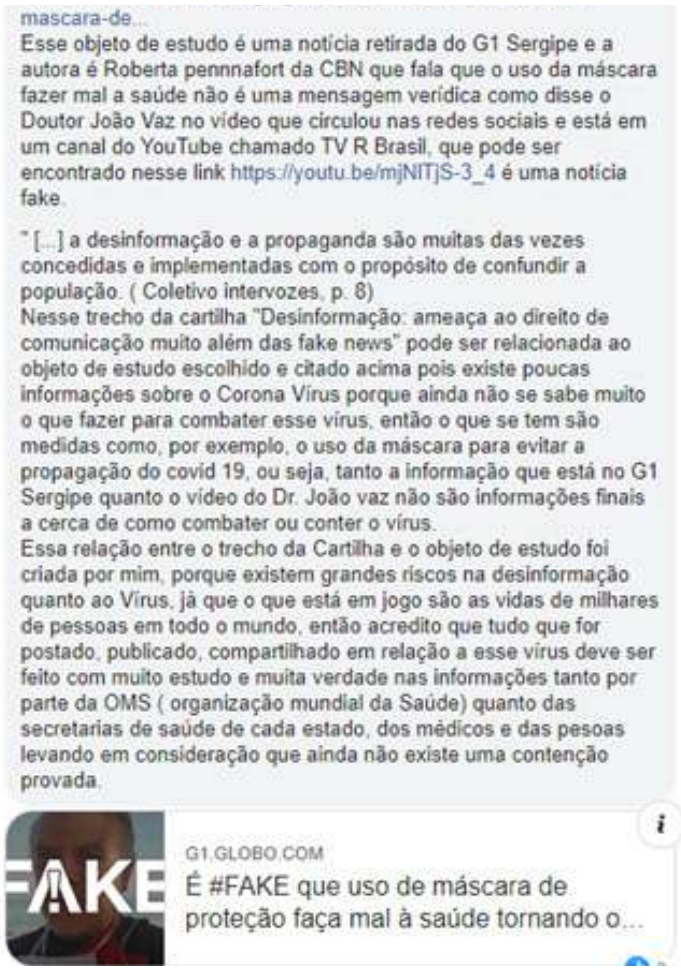
A Figura 2 exibe uma atividade realizada por uma aluna, demonstra suas reflexões, comparações e aprofundamentos analíticos. Por meio da liberdade de ver, ler e pensar, ela coloca em xeque o status quo, porque enfrenta a informação acessada fazendo, especialmente, comparações, mostrando-se ativa no processo de circulação da mensagem. Há, neste caso, a humanização da recepção da informação, em razão de contrariar a máxima apresentada na introdução deste texto de que existe uma tendência à replicação de conteúdo, por conta da cultura do imediatismo que vivemos. A aluna freia a cultura imediatista quando debruça-se sobre a notícia escolhida para envolver-se com ela, usando sua humanidade sobrejacente.

> A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. Vai dominando a realidade. Vai humanizando-a. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é o fazedor (Freire, 1969, p. 43).

É na relação com a realidade que podem ocorrer as transformações, primeiro da aluna que se vê enfrentando a notícia, enfrentando a informação e, depois, munida do conhecimento adquirido, ela

pode, enquanto agente ativa da sociedade, propagar a consciência crítica, bem como pode utilizá-la como recurso diário de humanização da sua existência. Trataremos sobre a construção de relações com a mídia para fomentar o processo de humanização mais adiante. Na atividade dois, solicitamos que os/as cursistas realizassem a leitura da cartilha "Desinformação: ameaça ao direito de comunicação muito além das Fake News", do Coletivo Intervozes (2019), e escolhessem um trecho da cartilha e, por fim, associassem a uma notícia, charge ou imagem. Mais uma vez, houve chance de autonomia discente, em que ele/a pode *tatear* o mundo e selecionar o que lhe parece mais pulsante, mais instigante. Freire (2011) nomeia a referida prática que adotamos de "curiosidade como inquietação indagadora" capaz de desenvolver experiências vitais, que fujam dos irracionalismos e possam ser momentos vividos, os quais serão lembrados, porque a experiência realizada fica marcada afetivamente na vida do/a educando/a.

Figura 3 – Atividade II



Fonte: Facebook do curso (2020)

Na atividade, visualizamos a prática de conexão de leituras e pontos de vista, a/o aluna/o do curso fez exatamente isso, a partir da leitura da cartilha, despejou a ótica adotada em uma notícia já tratada como falsa. Ocorre, portanto, um malabarismo intelectual entre ideias que modifica a autoridade da comunicação, em razão do/a receptor/a mostrar-se ativo/a e reflexivo, colocando em xeque as relações de poder presentes no ato da leitura. Ao articular textos de diferentes fontes/mídias é possível criar outras opiniões próprias, desta vez, uma vez criada a opinião com base em leituras e reflexões onde há a confecção do saber que emerge da teia discursiva acessada pelo/a participante.

A pedagogia do enfrentamento

Vemos, nas figuras 1, 2 e 3, o desenrolar do que intitulamos de pedagogia do enfrentamento, cuja prática refere-se ao posicionamento diante do que é visto, lido, acessado. Nada passa despercebido, nada é mecânico ou automático. Eis uma possibilidade formativa para o professorado diante dos contextos atuais da educação. No entanto, posicionar-se não é, necessariamente, levantar críticas e/ou demonstrar interesse no assunto e, assim, discursar sobre

ele, o posicionamento é envolvimento intelectual com o tema, construído por meio da relação que se constitui entre sujeito e objeto. Relação que envolve sensações, memórias, valores de quem lê e de quem escreve, as quais podem entrar em choque, mostrando-se contraditórias, paradoxais, mas servem à reflexão, ao engajamento epistemológico de aprender a partir da posição tomada.

> Os homens, pelo contrário, ao terem consciência de sua atividade e do mundo em que estão, ao atuarem em função de finalidades que propõem e se propõem, ao terem o ponto de decisão de sua busca em si e em suas relações com mundo, e com os outros, ao impregnarem o mundo de sua presença criadora através da transformação que realizam nele, na medida em que dele podem separar-se e, separando-se, podem com ele ficar, os homens, ao contrário do animal, não somente vivem, mas existem, e sua existência é histórica (Freire, 1970, p. 57).

A consciência da posição tomada cria o mundo, desnaturaliza contextos, ideias, perspectivas porque provoca uma enxurrada de outras possibilidades de estar com o mundo. Neste sentido, precisamos pontuar que as mídias educam, elas produzem e endossam pedagogias sobre a vida, sobre as escolhas, sobre os padrões e sobre o que deve

ser sabido – ou ignorado. Quando mencionamos a consciência da posição, estamos indicando a necessidade de relacionar-se com a mídia, de não deixá-la conduzir os saberes e os poderes, mas de propor diálogos sobre os temas que ela julga indispensáveis à cena social.

> O conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si, como veremos, conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade. As relações que o homem trava no mundo com o mundo (pessoais, impessoais, corpóreas e incorpóreas) apresentam uma ordem tal de características que as distinguem totalmente dos puros contatos, típicos da outra esfera animal (Freire, 1969, p. 39).

Na Figura 3, intitulada de Atividade II, a/o participante do curso discorre: "Esta relação entre o trecho da cartilha e o objeto de estudo foi criada por mim, porque existem grandes riscos na desinformação quanto ao Vírus [...]". O referido trecho demonstra um diálogo entre ele/a, a cartilha e a notícia, assim ela pratica a pedagogia do enfrentamento.

Portanto, a referida pedagogia é o chamamento ao diálogo com as mídias, cuja tessitura pode vir acompanhada de outras fontes, leituras,

personagens, vivências e historicidades. Em outras palavras, dialogar com a mídia é entender o que ela produz e apresenta e, ainda assim, encontrar lacunas discursivas para inserção de opiniões, impressões e saberes. Para isso, não é possível apenas afirmar "concordo" ou "discordo", "certo" ou "errado", "verídico" ou "falso", é ir além das dicotomias e conscientizar-se sobre os motivos de concordar (ou não), sobre as inclinações de considerar algo como certo (ou não) e, ainda, refletir para compreender por que, por exemplo, as notícias falsas são produzidas, quais são os objetivos de fazê-las circularem e, ainda, o que elas estão endossando.

A pedagogia do enfrentamento se aproxima do que Arroyo (2014, p. 85) nomeou como as pedagogias da vida produtiva. Para o autor, são "[...] vivências comuns na produção da vida dão força formadora aos símbolos", os quais constroem culturas, identidades, valores, humanizações. Deste modo, o acesso às notícias falsas é um processo articulado de percepção daquele fato noticiado equivocadamente (de modo proposital ou não) como parte da vida de quem acessou. A percepção da relação instaurada entre sujeito e notícia falsa é o instante precioso da urgência do enfrentamento

pelas vias da intelectualidade, da crítica, da atenção, de buscar apoios em outras referências, sinapses e reflexões para enfrentamento. Neste instante, que chamamos de precioso, os/as professores/as podem frear a desinformação e se tornarem agentes da transformação social.

Logo, a pedagogia defendida aqui não é praticada exclusivamente na escola, pode ser realizada em diferentes esferas da vida social, como práxis humana em busca de humanização. Afastar, dialogar ou tratar os mecanismos que intentam controlar as pessoas por meio do imediatismo e dos valores elitistas de opressão é, entre outras coisas, enxergar-se gente, ser humano, cidadão/ã, no caso do curso analisado, professor/a, educador/a, sujeito pensante que entende sua posição de enfrentamento enquanto projeto de mudança social.

Considerações finais

Ao tecer elucubrações sobre o curso Práticas pedagógicas on-line em tempos de cibercultura, em específico a respeito do Módulo B, intitulado de Em quem acreditar? Pedagogias de enfrentamento às notícias falsas, notamos a concreta possibilidade de praticar a pedagogia do enfrentamento. No caso

de nossas análises, focamos nas notícias falsas, mas a referida pedagogia pode ser adaptada para outros artefatos pedagógico-midiáticos, como livros didáticos, novelas, filmes, séries e documentários. O verbo enfrentar foi considerado como prática de posicionamento diante de um fato para a criação de um política crítica dirigida à humanização dos processos entre sujeito e mídia.

Utilizamos as premissas de Paulo Freire (1969; 1970; 2011) como lente para ver o mundo, em razão de considerarmos que estamos em constantes (trans)formações, logo a construção de ser docente perpassa pelo movimento de interação com o mundo, com as mídias, com os outros, com as notícias e há possibilidades de libertação das amarras opressoras que mecanizam as pessoas em prol de valores escusos. O curso que formou cinquenta e quatro alunos e alunas das licenciaturas da universidade e professores e professoras da rede pública evidenciou que os currículos precisam privilegiar trabalhos em redes, bem como precisam formar docentes para a leitura crítica da mídia que, ao menos, questionem o padrão de poder cultural e cognitivo disseminado largamente pelos artefatos culturais.

Deste modo, percebemos que os resultados obtidos, junto aos alunos e às alunas do curso, evidenciam a possibilidade crítica de enfrentar às notícias falsas, ainda que elas sejam fascinantes no primeiro momento pelas imagens impactantes e/ou frases curtas propositalmente escolhidas. Assim, a postura vigilante orientada por Freire (2011) se faz indispensável à prática docente que é mais problematizadora e insubmissa do que passiva e ingênua. Portanto, encerramos afirmando que as notícias falsas, as mídias, as pedagogias não são neutras e imparciais, por que os/as docentes deveriam ser? Este é o convite final à pedagogia do enfrentamento em que posicionar-se sobre algo ou alguém é a premissa que opera para a autonomia e a libertação humanizadora.

REFERÊNCIAS

ACCORSI, F. A. **Professoras, levem mulheres à sala de aula:** do jornalismo violento à prática pedagógica filógina. 2018. 159 f. Tese (Doutorado) – Universidade Estadual de Maringá. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2018. Disponível em: http://www.ppe.uem.br/teses/2018/2018%20-%20Fernanda%20Accorsi.pdf. Acesso em: 12 mar. 2022.

ARROYO, M. G. **Outros sujeitos, outras pedagogias.** Petrópolis: Vozes, 2014.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, P. **Educação como prática de liberdade.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.

INTERVOZES. Coletivo Brasil de Comunicação Social. Desinformação: ameaça ao direito à comunicação muito além das Fake News. **Cartilha.** São Paulo: 2019. Disponível em: https://intervozes.org.br/publicacoes/desinformacao-ameaca-ao-direito-a-comunicacao-muito-alem-das-fake-news/. Acesso em 12 de mar. 2022.

SANTAELLA, L. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? [recurso eletrônico] *In:* CYPRIANO, F. (org.). **A pós verdade é verdadeira ou falsa.** Barueri: Estação das Letras e Cores, 2018.